

Do palco à vida

PARA CELEBRAR OS 20 ANOS DA MOSTRA DE TEATRO, ALUNOS E EX-ALUNOS CONTAM COMO A DRAMATURGIA CONTRIBUIU PARA SUA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

UNIVERSOS:
Como você lê as estrelas?
As culturas ao longo da história
leram de modos diversos e,
durante a viagem a Brotas,
os alunos também propuseram
interpretações do céu



SUMÁRIO

- 4. *Acontece*
- 6. *Capa*
- 14. *Linguagens*
- 20. *Metodologias ativas*
- 24. *Cidadania*
- 28. *Entrevista*
- 30. *Ponto final*

EDITORIAL

Caro leitor,

Há 20 anos, enquanto dávamos os primeiros passos na construção do projeto do Colégio Stockler, decidimos incluir o Teatro na grade de disciplinas do Ensino Médio. Acreditávamos que o contato com essa forma de arte contribuiria para o desenvolvimento de habilidades ausentes dos currículos tradicionais, como expressão oral e consciência corporal. Com os anos, percebemos que a experiência do Teatro proporcionava muito mais. Nesta edição de *O Ano em Revista*, reunimos depoimentos de alguns de nossos atuais e ex-alunos sobre os desafios e as transformações que viveram nos palcos – e as lições que extraíram de lá para a vida.

Como educador, confesso certa implicância com modismos pedagógicos. Ao refletir sobre o papel do Teatro em nosso projeto formativo, lembrei-me de um termo bastante em voga: Protagonismo. Na essência, trata-se do esforço para colocar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem. Eis um conceito bonito mas de difícil aplicação, pensei eu, professor das antigas. Contudo, ao fazer um balanço dos projetos e atividades especiais realizados ao longo dos últimos anos, dei-me conta de que tinham uma característica em comum: o aluno como protagonista!

Foi assim durante as edições recentes do Cine Debate, quando as turmas do Médio defenderam lados opostos de uma questão polêmica. O mesmo aconteceu durante a Ágora, aula especial de fechamento de trimestre para o Ensino Fundamental. É um momento em que as turmas discutem os desafios enfrentados e propõem soluções para serem implantadas no trimestre seguinte. Tivemos ainda o grupo que participou da eletiva “Empreendedorismo Social”, oferecida pelo Stockler em parceria com a ESPM. Ao final do curso, defenderam com muito brio suas propostas de negócio diante de uma banca composta por docentes da faculdade.

Fico feliz em constatar que, ao elaborar projetos tão criativos, nossos professores estão fazendo muito mais do que reagir às mais novas tendências. Estão demonstrando uma combinação de sensibilidade e coragem para enfrentar os desafios de uma realidade em transformação. Diante dos produtos criados pelos alunos, fica claro que a verdadeira inovação depende muito mais de um ambiente que favoreça a criatividade do que da tecnologia em si. E é por isso que temos orgulho de oferecer aulas de Teatro.

Boa leitura!



Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Maria Ofenböck Magri
Sonia Cavalheiro Borghi

SUPERVISOR PEDAGÓGICO
Miguel Augusto de Toledo Arruda

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Alessandra Bronze
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes

COMUNICAÇÃO
Júlia Blumenschein

FOTOS
Carol Gonzalez e Divulgação

O Ano em Revista é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PIU COMUNICA.



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello

EDIÇÃO E TEXTO
Ana Paula Severiano

PROJETO GRÁFICO
Maíra Tanaka

DESIGN
Raquel Fantinelli e Vanessa Destri

REVISÃO
Rosane Albert

Impressão GRÁFICA SIMGRAF



Nas apresentações musicais, as turmas do Fundamental apresentaram pesquisas sonoras relacionadas aos eixos de seus projetos: é o caso do 8º ano, que mergulhou na musicalidade dos indígenas brasileiros para explorar suas matizes.



Foto: Carolina Gonzalez



Na sala maker do Colégio, os alunos do 9º ano foram incentivados a desenvolver habilidades manuais, familiarizar-se com o uso de ferramentas básicas e estabelecer relações entre os saberes científicos e cotidianos. Esses objetivos culminaram na manufatura de robôs elétricos e hidráulicos em exposição na mostra.



Na horta da escola, os estudantes do 6º ano conduziram os pais por uma dinâmica em que demonstraram o trabalho realizado ao longo do ano. Contaram como fizeram o preparo do solo para o plantio, que cuidados tomar com mudas e sementes e como higienizar os alimentos antes do consumo (leia mais na p. 21).



Stockler de Portas Abertas

O resultado de percursos de um ano foram exibidos na mostra que ocupou diferentes espaços do Colégio Stockler em 9 de novembro. Audições musicais, dinâmica sobre reciclagem, atividade na horta, exibição de vídeos, oficina de aquarela e nanquim, clube de leitura, experimentos na sala maker, sessão de meditação e visita guiada às exposições montadas pelos alunos do Ensino Médio enriqueceram a programação. Para Regina Tarifa, coordenadora de Projetos do Ensino Fundamental, “é um momento de celebração do nosso trabalho, feito a muitas mãos. Enxergamos o empenho dos alunos, dos professores e da equipe técnica e oferecemos às famílias a possibilidade não apenas de assistir à vida na escola, mas de participar dessa vida. Assim, ao seguir seus filhos, os pais puderam vivenciar um pouco das experiências que construímos em 2019”.

Tarsila, brasileira

O Museu de Arte de São Paulo realizou a mais ampla exposição dedicada a um dos expoentes do modernismo brasileiro, Tarsila do Amaral. No primeiro semestre, as turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio puderam apreciar as 92 obras e diferentes fases da artista e associá-las a conteúdos discutidos em classe, como a identidade nacional, abordada nas aulas do Médio.



Foto: Marina Herling

Eu, cientista

Em 2019, a 1ª série do Médio embarcou em uma aventura científica. Neste processo, pensaram as utopias e distopias do presente a partir de clássicos da ficção – como *Senhor das moscas* (William Golding) – e também de um trabalho de campo intenso. A turma foi ao Rio de Janeiro, para conhecer a Companhia Siderúrgica Nacional. Depois, seguiram ao Parque Nacional do Itatiaia, onde aguçaram seu olhar científico em uma imersão nos Campos de Altitude e na Mata Atlântica.



Foto: Thiago Rosa

Aprender a respirar, respirar para aprender

“Um aluno não é só um aluno, ele é um todo. Se você aprende a relaxar o corpo, consegue ter resultados melhores nos estudos, mais concentração e mais postura na classe”, assim a professora de Educação Física Mariana Garófalo define a importância das aulas de *mindfulness* que foram implantadas este ano para as turmas de 6º e 7º ano do Fundamental. Todas as segundas-feiras, os estudantes se reúnem durante meia hora, após o grupo de estudos, para fazer exercícios, individuais e em grupo, de autoconhecimento da mente e do corpo e de respiração.



Foto: Carolina Gonzalez



Foto: Mariana Garófalo

Bastidores das profissões

Além da conversa com alunos e profissionais, a 3ª série do Ensino Médio fez visitas a empresas para conhecer o cotidiano do mundo do trabalho. Entre as instituições visitadas estão o Hospital Albert Einstein, a Schneider Electric, o Banco Pan, a papelaria Gimba e o escritório de arquitetura Estúdio Penha.



Foto: Beatriz Iorriano

Meu, seu, nosso universo

Por que não juntar uma grande atividade científico-cultural a muita diversão? Essa premissa motivou a concepção da expedição que os alunos do 9º ano fizeram ao Acampamento Peraltas e à Fundação Centro de Estudos do Universo (CEU), ambos localizados na cidade paulista de Brotas. A turma foi convidada a registrar de forma criativa e poética, por meio de um *scrapbook*, as descobertas que fez ao longo da viagem – e que vão do estudo das constelações ao lançamento de um foguete.

Bate-papo profissional

Em agosto de 2019, o Mergulho nas Carreiras do Stockler aconteceu em novo formato: os alunos de 2ª e de 3ª série participaram de rodas de conversa com profissionais e com ex-alunos Stockler. Entre eles, Ana Paula Beck, médica ginecologista e obstetra do Hospital Albert Einstein, onde também atua como preceptora dos residentes, e Antonio Carlos Morais Pucci, desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo. As conversas contaram com a mediação dos próprios estudantes do Médio.

DO PALCO À *vida*

EM 1999, O COLÉGIO STOCKLER JÁ RECONHECIA A IMPORTÂNCIA DO TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E DE DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL. AGORA, 20 ANOS DEPOIS DA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO, ALUNOS E EX-ALUNOS DE DIFERENTES GERAÇÕES CONTAM HISTÓRIAS QUE VIVERAM NO PALCO E COMO ESSAS EXPERIÊNCIAS INFLUENCIARAM SUA FORMAÇÃO E SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

De acordo com o relatório *The Future of Jobs*, do Fórum Econômico Mundial, o século XXI é o século em que habilidades antes ignoradas pelo mercado de trabalho serão cada vez mais valorizadas. É o que os especialistas em recrutamento chamam de *soft skills*, ou seja, competências socioemocionais que não estão ligadas apenas ao conhecimento técnico e ao cognitivo. É nesse contexto que o trabalho com o teatro desenvolvido há mais de duas décadas pelo Colégio Stockler ganha ainda mais relevância ao permitir espaço para a transgressão, de modo criativo, na adolescência e garantir uma formação socioemocional que terá impactos ao longo de toda a vida do sujeito.

Desde o início do trabalho com as artes cênicas, que começou quase paralelamente à criação do Ensino Médio no colégio, o professor Celso Solha é o responsável pela condução de uma disciplina obrigatória para os alunos de 1ª série e optativa para os alunos de 2ª série. “A proposta era criar um espaço de livre expressão, ligado a uma linguagem artística, que oferecesse espaço para a irreverência e para a criação de vínculos”, explica Celso. O professor ressalta ainda que o teatro veio se somar à grade curricular exigente do colégio, oferecendo espaço de autoconhecimento para os jovens.

Os intervalos de relaxamento em relação aos estudos formais, porém, nunca significaram pouco trabalho. Pelo contrário, o teatro sempre foi levado a sério e, por isso, incorporado à grade como uma disciplina regular. “Tem-se a ideia de que o espaço de arte é um espaço em que não se faz nada, o que não é verdade. Por isso, tivemos a ideia de criar uma mostra para contar às famílias e à comunidade escolar o nosso processo”, explica o professor Celso. As encenações tiveram muitas fases, já aconteceram no auditório da escola e no teatro Paulo Eiró, em Santo Amaro, antes de ocuparem o Espaço Cultural Rudolf Steiner, no Alto da Boa Vista.

Hoje o teatro faz mais sentido para mim do que fazia na época da escola. No Ensino Médio, era algo divertido que eu gostava de fazer com meus amigos, hoje eu vejo o quanto ter uma vazão criativa naquele momento tão tenso, tão incerto e tão cercado de atividades extremamente cartesianas (como é qualquer preparo pré-vestibular) foi importante. A gente dá pouco valor para a arte e para as atividades criativas quando está nessa época, mas mais para a frente você percebe que o artista em você é o que te destaca. Capacidade analítica muita gente tem e, se você não tem, o *software* te ajuda. Mas capacidade criativa é muito mais complexa de desenvolver em uma máquina e valiosa quando é encontrada em um profissional. Penso, então, que o teatro me ajudou muito em etapas da minha vida profissional, em especial em processos seletivos. Hoje, a maioria dos processos em empresas de grande porte faz o que eles chamam de “recrutamento cego”, isto é, os recrutadores só vão ter acesso às informações do seu currículo nas entrevistas finais e, ainda assim, não em caráter eliminatório. O que é medido ao longo de todo o processo e tem maior peso na escolha do candidato são as suas habilidades interpessoais, isto é, a forma como você se comunica, sua postura diante da adversidade, como você interage com os outros, etc. O teatro ajuda MUITO nisso e, se você é uma pessoa de natureza mais tímida, ele é uma grande porta para trabalhar essas dificuldades.

CLARA SOUZA DE OLIVEIRA, formada na Escola Politécnica da USP em Engenharia de Materiais. Atuou em *A comédia dos erros*, de Shakespeare.

Participei do teatro na 1ª e na 2ª série e faria tudo de novo: me sinto mais confiante e mais capaz de me organizar em relação a tarefas de diferentes prioridades e de diferentes prazos.

OTTO WILLEMS, aluno da 2ª série do Ensino Médio.



O AUTO DA COMPADECIDA



No trabalho com repertório, grandes nomes da dramaturgia brasileira, como Ariano Suassuna, são estudados para que sejam valorizados pelos alunos

Participar do teatro no Stockler foi uma experiência muito positiva para mim. Escola não é apenas para decorar conteúdo, é para fazer amigos e ter relações verdadeiras e significativas. Quando subi no palco, ainda na 1ª série, voltei ao passado e redescobri o quanto amo atuar. Por isso, sempre terei uma grande consideração pelo professor Celso, que percebeu essa aptidão em mim e me deixou fazer coisas emocionantes em cena.

FRANCO PACINI é aluno de Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing e faz um curso profissionalizante de Artes Cênicas na Escola de Atores Wolf Maya. Atuou em *A comédia dos erros*, de Shakespeare, e na *Sacra folia*, de Luis Alberto Abreu

A segurança e a autoestima são duas características desenvolvidas ao longo da preparação para as peças

O teatro contribuiu de uma maneira que eu não esperava, porque eu era fechado, pouco extrovertido. Ter que subir no palco e falar alto, enunciar as palavras exigia empenho e era uma coisa que eu não teria feito no meu tempo livre. Fiz por causa do Stockler e foi ótimo! Foi o primeiro passo para que eu falasse em público com tranquilidade. Nós aprendemos também a jogar com a outra pessoa, é aquilo que o professor Celso falava desde a primeira aula: olho no olho.

CAIO SLIKTA, estudou animação na Los Angeles Film School, trabalhou em estúdios americanos e agora é freelancer de ilustração. Atuou em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e em *A comédia dos erros*, de Shakespeare.





Do mesmo modo, ao longo de 20 anos, a escolha das peças variou. São mais de 30 textos encenados, alguns escritos pelos próprios alunos. Na última década, chegou-se a uma proposta mais constante, de mostra de teatro de repertório e dramaturgia, em que alunos de diferentes anos apresentam as mesmas peças. Assim, várias gerações passaram pelo texto de Ariano Suassuna e a escola presenciou montagens que, apesar de representarem a mesma obra, em muito se diferenciaram. “Nesse modelo, valorizamos os clássicos e os autores brasileiros ao mesmo tempo que construímos um arcabouço de referências para a escola”, explica Celso.

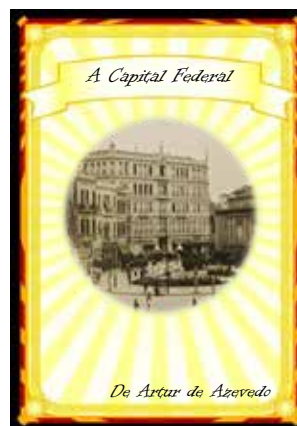
Os resultados não deixam dúvidas: nos depoimentos destas páginas, alunos e ex-alunos – que estudam ou se formaram nas mais diversas áreas do conhecimento – relatam a importância do teatro para seu desenvolvimento. Eles evidenciam o que afirma o Banco Mundial em seu relatório: a criatividade se soma a outras competências e pode ser o diferencial para a construção de uma vida mais cheia de propósito e de conquistas.

Minha trajetória na escola por si só foi uma peça dramática, em que repito a 2ª série do Ensino Médio e dou a volta por cima passando na primeira lista do curso de Direito na PUC-SP. O teatro me deu uma forma de expressar sentimentos que sempre existiram em mim, mas que não conseguia verbalizar. Foi como sair de uma prisão de emoções conturbadas e confusas para todo adolescente. O teatro me ensinou a saber falar e a ouvir no momento certo, me expor da maneira correta – e também que o corpo fala mais que as palavras. São instrumentos valiosos para minha carreira de advogado de Compliance e como gestor de uma equipe. Levo com carinho todos os ensinamentos dessa época e a principal lição que aprendi: mesmo que você nunca tenha feito algo, com muito esforço e carinho, você chega lá. Foi assim que consegui decorar todas as minhas falas.

BRUNO FEROLA, gerente da prática forense na PwC, atuando com Compliance e investigações corporativas de fraude e anticorrupção. Atuou em A megera domada, de Shakespeare.

O teatro é uma das atividades da escola que conjuga diversidade e unidade, ou seja, que celebra a característica pessoal de cada membro que dela participa e, ao mesmo tempo, une cada uma dessas características para formar um todo revelador, reflexivo e afetivo. É a festa das emoções em comunhão com a técnica.

PROF. AGOSTINHO MARQUES, diretor administrativo.



“

O teatro traz experiências inesquecíveis, além de melhorar o raciocínio e a comunicação com as outras pessoas, seja em casa, seja no trabalho. Durante o Ensino Médio, pensei em fazer Artes Cênicas, mas escolhi a Publicidade, curso em que ingressei: na faculdade, sempre tenho que me expressar para vender ideias, inclusive com a linguagem corporal.

THIAGO HÉRCULES, aluno de Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Atuou em A flor de manacá e em Sacra folia, de Luis Alberto de Abreu.

”

O teatro no Stockler é um projeto que instiga múltiplas habilidades dos alunos: expressar-se em público, assumir as responsabilidades na participação da peça, estabelecer o diálogo com os demais colegas e, sobretudo, desenvolver o autoconhecimento e a superação, já que se trata de uma atividade desafiadora. Minha experiência foi transformadora.

ANTÔNIO BARCELLOS, aluno da 3ª série do Ensino Médio. Atuou em Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, e em Como se fazia um deputado, de França Júnior.



Quem não entra em cena também atua: os alunos da produção fazem cartazes, programas, trilha sonora, iluminação e organizam a recepção dos convidados nos dias de apresentação



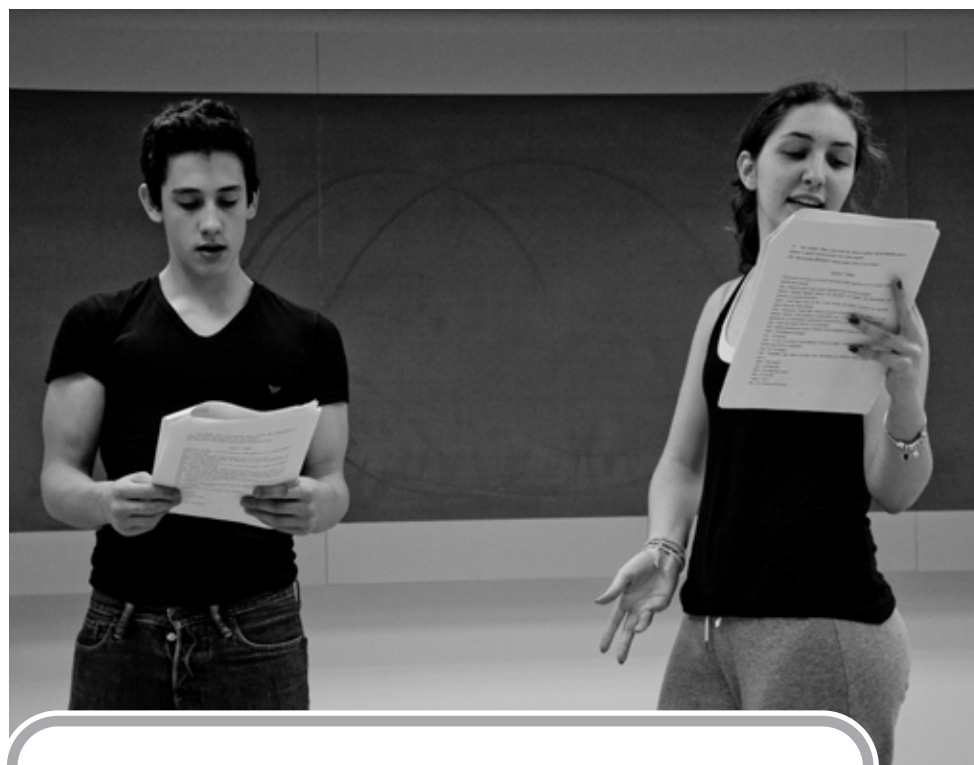
Quando penso nas apresentações do teatro de nossa escola, penso na emoção que sinto diante de nossos alunos-atores no palco. Por vezes, não consigo conter as lágrimas. Coisa de um velho professor que um dia sonhou com essa realidade.

PROFESSOR MARCOS STOCKLER, fundador do Colégio



Tanto a oratória quanto o relacionamento interpessoal foram desenvolvidos com a minha participação no teatro. Além disso, nas peças, o trabalho em grupo é muito valorizado para que todos se unam em torno de uma finalidade comum. Isso faz com que a gente aprenda a ser mais responsável e organizado. Acredito também que o teatro contribuiu de maneira significativa para o exercício de minha profissão. Como *trainee* em um grande escritório de advocacia de São Paulo, entendo que o teatro me ajudou desde o processo seletivo até o exercício do trabalho no cotidiano.

BRUNA BROSSA cursa Direito na PUC-SP e é *trainee* no Demarest Advogados. Atuou em *O casamento suspeito*, de Ariano Suassuna, e *Escola de mulheres*, de Molière.



Foi mágico. A habilidade de falar em público, atrair as atenções, sem me assustar, foi uma das melhores competências trabalhadas no teatro. Todas essas experiências foram essenciais para o desenvolvimento de um equilíbrio social e psíquico muito mais forte. Sem perceber, somos atores em diferentes esferas e graus, todos os dias. No meu caso, foi essencial para a integração quando fui morar na Holanda e para saber lidar com o inesperado, para saber articular e para dar entonações em apresentações.

YURI CASSEB, estudante de Economia na FEA-USP e estagiário do Banco Safra.



Fui apresentado a um lugar que, como adolescente, desconhecia ou não considerava legítimo: a ideia de que as diferentes máscaras que vestia nos ambientes que me permeavam poderiam ser representadas sob os olhares de meus colegas, no teatro. De uma forma simples, o teatro teve o poder de um tratamento terapêutico, me ajudando a compreender que somos todos os personagens que vivemos em nosso dia a dia. Sou formado em comunicação social com habilitação em cinema e posso dizer que muito da minha formação se iniciou com o teatro. Trabalhei por dois anos como assistente de elenco em longas metragens e séries do audiovisual nacional, posição que rendeu algumas figurações em filmes, personagens e até algumas publicidades. Sempre que estou em um set de filmagem relebro que minha posição ali é como a de um personagem: estou representando uma função. Tudo isso aprendi naquelas aulas semanais no ensino médio: aprendizado que levo para a vida.

HENRIQUE HENNIES é filmmaker. Atuou em *O bem-amado* e em *A comédia dos erros*, de William Shakespeare.

Além dos autores brasileiros, há também o mergulho no cânone dramático ocidental



Viver é uma peça

Texto: **Gabriela Trovó**, aluna da 3ª série do Ensino Médio

“O mundo é um palco”, escreveu Shakespeare, “E os homens e mulheres, meros atores”. Quando se abrem as cortinas, entramos em cena e, com o coração apertado, aguardamos nosso momento de protagonismo. Acertamos aquela passagem que nunca dava certo e pronunciamos aquela fala extensa, que ninguém entendia direito, então saímos de cena e, entre um ato e outro, comemoramos nossa pequena vitória. Retornamos, confiantes, mas alguém esquece uma deixa importante e, sem ela, não conseguimos continuar. Silêncio prolongado. Até que um de nós improvisa, outros dois acrescentam algo e, juntos, voltamos para o roteiro, mas a produção erra o som e nos perdemos novamente. Assim avançamos e, entre erros e acertos, aprendemos que nem tudo sairá conforme planejado e um pouco de imaginação é necessária ao longo do caminho. Entendemos que, sozinhos, não chegamos longe, pois precisamos de alguém com quem contracenar e que as falhas, quando compartilhadas, são menores, mais divertidas. Percebemos que, no fim, nossa peça é uma colcha de retalhos e, por isso mesmo, é mais bonita. No fundo, o que Shakespeare nos ensina é o que mais me fascina no teatro: viver é uma peça.

Essa é a maior lição que meus anos de teatro no Stockler proporcionaram. Em 2017, vivi João Grilo, o sertanejo malandro que barganhou seu caminho de volta à vida na peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. No ano seguinte, fui a doce, sonhadora e teimosa Rosinha, presa no meio de uma falsa disputa entre liberais e conservadores na trama de *Como se fazia um deputado*, de França Júnior. Hoje sou mais do que apenas eu, pois sou, em parte, esses personagens e seus conflitos, sou o que aprendi quando as cortinas se abriram, eu entrei em cena e, com o coração apertado, permiti a mim mesma um momento de protagonismo.

Ao fim de cada espetáculo, nosso professor de teatro, Celso Solha, dizia aos pais: “Quando seus filhos saem daqui hoje, eles são pessoas melhores”. Acredito que, do teatro, herdei grande empatia, capacidade de trabalhar em grupo e habilidade de expressão, comunicação e articulação. De fato, sou uma pessoa melhor, pois vivo cada dia como se fosse uma peça.

Marés

DE NÓS

AUTOCONHECIMENTO É MAIS UMA VEZ O FOCO DO TRABALHO DE CAMPO DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO, QUE, EM VIAGEM A PARATY, RIO DE JANEIRO, E SÃO LUIZ DO PARAITINGA, SÃO PAULO, AMPLIOU TAMBÉM SEU REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL POR MEIO DO ESTUDO E DA PRÁTICA DE VÁRIAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Ana Paula Severiano e Vicente Castro

“Catarse”, é assim que Júlia Gobbi, aluna do Stockler desde o 6º ano do Fundamental, define o estudo do meio realizado pela 2ª série em junho de 2019. Com novos destino, roteiro e material didático, especialmente pensados para os nossos alunos, a viagem mais esperada do Colégio manteve a tradição de promover o autoconhecimento, ampliar o repertório sociocultural e transformar colegas de classe em grandes amigos. Para o professor Vicente Castro, um dos idealizadores do projeto, a programação de cinco dias, que traçou rotas de atividades em Paraty e São Luiz do Paraitinga, dialoga com as diretrizes da nova Base Nacional Comum Curricular: “Ao mesmo tempo que abordamos o conhecimento, primeira competência da base, mergulhamos em diferentes facetas da cultura brasileira. Trabalhamos também aspectos socioemocionais e artísticos por meio de exercícios que garantiram o encontro entre diferentes linguagens e questões ligadas à subjetividade”. Nas próximas páginas, confira a catarse, ou “aquilo que purifica”, nas palavras de Júlia, vivenciada este ano.

MARÉS DE TODOS

No evento Stockler de Portas Abertas, inauguramos a Exposição do Projeto Marés com os trabalhos realizados ao longo de toda a viagem e visita monitorada pelos alunos, que puderam contar às famílias e outros convidados as experiências que vivenciamos naqueles cinco dias de junho.



📅 DIA 1 📍 PARATY

Marés de histórias

A primeira atividade em Paraty aconteceu no Morro do Forte, local em que a cidade nasceu. Do alto, tem-se uma visão panorâmica da Baía de Paraty. Divididos em grupos, os alunos exercitaram a técnica de desenho *skyline*, usando nanquim, para reproduzir os contornos do horizonte e do relevo, como forma de sensibilizar a visão para as paisagens naturais. No Museu do Forte, fizeram uma primeira proposta de escrita criativa e praticaram a técnica do haikai, forma poética de origem japonesa marcada pela concisão com que captura as impressões do observador sobre os elementos da natureza. Desse modo, puderam refletir metaforicamente sobre a defesa da própria cidadela interior e conversar sobre temas como autocuidado, segurança interna e fortaleza diante de adversidades e conflitos. Ao anoitecer, de volta ao centro histórico, o grupo percorreu as vias e diferentes cenários de Paraty, como a rua do Fogo e o cais, com a seguinte missão: produzir encenações e performances sobre lendas urbanas previamente selecionadas. Dramaturgia e continuidade da tradição oral se somaram na atividade, com apresentações itinerantes pelo Centro Histórico, nos lugares em que as histórias teriam ocorrido. Ao final do ciclo de narrativas, o centro havia sido totalmente percorrido e o mapeamento foi utilizado no dia seguinte, quando os alunos puderam caminhar livremente de manhã, para fotografar, desenhar e escrever.



📅 DIA 2 📍 PARATY

Marés de gente

O Quilombo Campinho da Independência e o Centro Histórico de Paraty foram os espaços eleitos para duas rotas: Negritudes e Símbolos. Na primeira, os alunos dialogaram com moradores e moradoras afrodescendentes sobre heranças ancestrais, o papel da mulher negra naquela comunidade e as consequências da escravidão. Provaram pratos locais, fizeram retratos e encerraram o trabalho em uma animada roda de jongo, dança de origem africana praticada ao som de tambores, como o caxambu, e da repetição de versos relacionados à história das populações quilombolas. Já na Rota dos Símbolos, os estudantes foram apresentados a uma série de perfis de caminhantes (turista, nômade, pedestre, *flâneur*, peregrino, expedicionário, *stalker*, errante e andarilho). Em pequenos grupos ou individualmente, escolheram um desses perfis e encarnaram a personagem. Tinham como missão, então, andar pelo casario e pelo chão de pedras exercitando a observação e o registro por meio do desenho, da fotografia e dos relatos de viagem. Deveriam ainda estabelecer menires (lugares significativos de afetos e lembranças) que orientaram, posteriormente, o desenho de um mapa afetivo da caminhada.

A apresentação de uma peça muda do celebrado Teatro de Bonecos de Paraty fechou o dia em uma atividade que os professores intitularam “Maré de Silêncios”. Na experiência, a técnica dramática se uniu à consciência e à expressividade do gênero lírico, bem como à narratividade do gênero épico. Como tarefa, os alunos listaram três sentimentos que a *performance* despertou neles.

“Desenvolvemos muito nossa criatividade com os exercícios e atividades que ampliaram o nosso olhar cultural e de viajante. As experiências representaram um marco muito importante para o nosso repertório, porque, além de aprender a ser como um grupo, aprendemos muito com as pessoas que encontramos no caminho e que conviveram conosco nessa jornada.”

Yasmin Siegl



“O Marés, definitivamente, foi um dos melhores momentos que o Stockler me proporcionou. Eu me abri mais e comecei a ser mais eu mesmo durante a viagem. Se não fosse por esse trabalho de campo, muitas pessoas com quem falo hoje não seriam minhas amigas. Foi, de verdade, uma experiência que mudou minha vida e me fez ter uma nova perspectiva sobre ela. Agradeço a todos que fizeram parte dessa experiência por me fazerem uma pessoa melhor.”

David Beck

“Esta foi uma oportunidade incrível de poder estudar e conhecer um pouco mais sobre a história do nosso país sem ser daquela forma rotineira: dentro de uma sala de aula, anotando no caderno o que nos contam. Desde pequenos aprendemos sobre a escravidão e o processo de colonização, mas, com o Marés, tivemos a chance de conversar com quilombolas que realmente sentem como é viver na sociedade contemporânea diante de todas as consequências do período escravocrata. Essa foi, de longe, a melhor parte da viagem!”

Isabela Franco



📅 DIA 3 📍 PARATY-SLP

Marés de descobertas

A bordo de uma escuna, o grupo explorou Paraty pela água. Nela, leram um trecho de *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago. A obra serviu de inspiração para que eles registrassem em pedaços de papel sentimentos, trechos de músicas e de obras literárias. Os recortes foram pendurados em uma rede de pesca no barco para compor um poema coletivo e visual da travessia marítima daquele dia. Momentos de lazer e descontração encerraram o roteiro em Paraty e, à tarde, a 2ª série do Ensino Médio seguiu para São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Lá, eles ouviram as histórias de Ditão, morador local, que apresentou a cidade ao grupo e recuperou, com seu sotaque caipira, a enchente que devastou São Luiz, em 2010, bem como a reconstrução que se sucedeu.

“Em uma palavra: Espetacular! Primeiro, porque foi a primeira vez que viajei sozinho com meus amigos e, com a oportunidade, descobri quem eles são fora da sala de aula, dos momentos de concentração para os estudos ou do estresse das provas. Depois, em Paraty, conheci muito sobre a história do Brasil, novidade para mim, já que nasci na Síria. Em São Luiz, desconstruí minha visão sobre o Carnaval: é uma festa de família, todo mundo vai e dança. As atividades revelaram uma cultura brasileira que eu desconhecia!”

Riad Altinawi

Marés de morros

No centro histórico de São Luiz, a fotografia foi a linguagem artística escolhida para a atividade Jornadas do Olhar. O desafio era contar, por meio de 12 imagens, a história e a identidade dos lugares visitados. Registrar fragmentos (linhas, cores, texturas, sombras, objetos, arquitetura, olhares) para reconstruir, como um mosaico, a narrativa poética sobre a cidade foi o desafio proposto aos alunos. Para isso, fugir do olhar do turista e abrir-se para as descobertas inesperadas da travessia do viajante mostrou-se fundamental.

Na parte da tarde, a turma entrou em uma “maré sobre(natural)” na Casa Oswaldo Cruz, que abriga um acervo sobre o folclore nacional, em especial do Vale do Paraíba. Ouviram ali as histórias de Benito Campos, fundador do bloco Juca Teles, um ícone do Carnaval local. Com a cabeça cheia de narrativas e referências, redigiram uma breve anedota e desenharam personagens folclóricos autorais dialogando também com seus próprios medos, expectativas e sonhos.

O dia terminou com a vivência em uma espécie de barracão de Carnaval, já que o grupo usou o espaço da Casa Oswaldo Cruz para confeccionar tiaras, cartolas e adereços que usariam no cortejo que marcaria o fim da viagem no dia seguinte.

“A viagem começou em São Paulo, semanas antes da nossa partida, nas aulas de Leitura Crítica, quando a turma já começou a embarcar no espírito da jornada e a buscar pelo seu objetivo. Quando chegamos ao nosso destino físico, continuamos procurando dentro de nós mesmos o melhor caminho para seguir. Vasculhando livres pelas ruas dos Centros Históricos, mergulhando nas praias ou trilhando pelas montanhas das cidades, fomos nos apropriando das histórias e da cultura que nos rodeavam e trouxemos todo aquele conhecimento novo para dentro de nós.”

Júlia Gobbi



Marés de festa

Antes de voltar a São Paulo, o grupo ensaiou músicas tradicionais do Carnaval de São Luiz e protagonizou um desfile pelas ruas da cidade. “Na festa, amarramos as diferentes linguagens artísticas trabalhadas durante a viagem: escrita, desenho, teatro, dança e fotografia”, enfatiza Carol. Com a energia em alta, a 2ª série voltou para casa e para a escola transformada, como evidenciam os depoimentos espalhados ao longo das páginas desta reportagem.

“A experiência foi essencial para mim e para os outros alunos, pois foi a nossa última viagem no Ensino Médio e ela proporcionou muitas novas amizades, que sinto que vamos levar para sempre. O tempo todo os monitores e professores se engajaram com os alunos e geraram um ambiente de segurança e de felicidade. As atividades que fizemos, tanto em Paraty quanto em São Luiz do Paraitinga, despertaram em nós um lado artístico, sensível e criativo. Isso mostrou a importância da saúde mental para um bom desempenho acadêmico, e eu tenho certeza que voltamos pessoas melhores.”

Luisa Oliveira



“Marés

Marés de histórias
Sobre o folclore ouvimos falar
Do Ditão escutamos memórias

Marés de gente
No quilombo
A vida é tão diferente

Marés de descobertas
A nossa ilha fomos visitar
E as energias foram libertas

Marés de morros
No forte de Paraty
Em que fizemos amizade com os cachorros”

Roberta Horta



À procura de si

Construída na década de 1930 e importante exemplar do estilo arquitetônico Art Déco no Brasil, a ex-sede do Banco de São Paulo, no centro da cidade, recebeu as turmas da 2ª série e funcionários para uma atividade que antecedeu o estudo do meio. Lá, eles formaram grupos para realizar fotografias a partir de palavras provocativas escritas em cartões e assim treinar a construção de narrativas imagéticas. Depois do “esquenta”, desceram ao cofre do banco, onde a professora Maria Carolina Rahal conduziu uma meditação guiada sobre valores e tesouros pessoais.



Foto: Carolina Gonzalez

Protagonismo SEM MODISMO

DO ENSINO FUNDAMENTAL AO MÉDIO, NAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO COMUM E NOS PROJETOS EXTRACURRICULARES, A CONCEPÇÃO QUE COLOCA O ALUNO COMO CENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM GANHA ESPAÇO NO STOCKLER - SEM PERDER DE VISTA O RIGOR E OS OBJETIVOS ACADÊMICOS DE CADA ETAPA

As aulas do professor Vítor Miranda podem parecer estranhas para quem passa desavisado pelas salas de aula do Ensino Fundamental: alunos sentados sempre em grupo, livros abertos em diferentes páginas, plantas espalhadas pelas mesas e muita conversa. Sinais de indisciplina ou de desorganização? Não. Vítor, formado e pós-graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, é professor de Ciências do 6º ao 8º ano e defensor da aprendizagem investigativa de ciências. “Nessa perspectiva, o aluno desenvolve autonomia sobre seu processo de aprendizagem e começa a pensar como um cientista, ou seja, é estimulado a fazer as perguntas certas em vez de esperar respostas prontas.” Ele explica ainda que agora tanto o conhecimento do assunto quanto o desenvolvimento de competências – entre elas, observar um fenômeno e formular hipóteses sobre ele, por exemplo – têm o mesmo peso.

Miranda alinha-se aos objetivos da nova Base Nacional Curricular Comum, marco para a história da educação no Brasil e que vem promovendo uma revolução nos materiais didáticos, nos currículos e nas dinâmicas das escolas. O documento homologado pelo Ministério da Educação em dezembro de 2017 representa um fio condutor do currículo para as instituições escolares em todo o Brasil ao mesmo tempo que considera características do contexto local e apresenta 10 competências essenciais para o desenvolvimento dos estudantes. É um momento importante também porque obriga educadores a se debruçarem sobre as transformações sociais pelas quais o mundo passou nos últimos cinquenta anos e que, por sua vez, indicam mudanças necessárias nas formas de ensinar e de aprender. “A Base pressupõe uma educação integral, não de tempo integral, mas uma educação que vai contemplar todas as dimensões do desenvolvimento humano, ou seja, a parte cognitiva, acadêmica, intelectual, e também o desenvolvimento físico, social, emocional e cultural”, explica Anna Penido, diretora do Instituto Inspirare, no canal do YouTube Movimento pela Base Nacional Curricular Comum.

ÁGORA DO SÉCULO XXI

Do 6º ao 8º ano, Vítor trabalha com as competências da BNCC em um ciclo que se repete a cada trimestre. Para desenvolver empatia e cooperação, equipes de trabalho são formadas no começo de cada tri. As combinações geram conflitos no começo, mas também é delas que surgem conexões e estratégias para que o grupo funcione, mes-



Foto: Bárbara Aguiar



Foto: Vítor Miranda

As 10 competências da BNCC

- ✓ Conhecimento
- ✓ Pensamento científico, crítico e criativo
- ✓ Repertório cultural
- ✓ Comunicação
- ✓ Cultural digital
- ✓ Trabalho e projeto de vida
- ✓ Argumentação
- ✓ Autoconhecimento e autocuidado
- ✓ Empatia e cooperação
- ✓ Responsabilidade e cidadania

mo que não se trate de uma relação de amizade. “Em uma das vezes, depois que anunciei as equipes de trabalho, uma aluna não gostou do seu grupo, mas me disse: Tudo bem, eu serei ‘profissional’”, conta o professor. Depois de formados os times, os alunos são provocados com perguntas sobre o assunto que irão discutir. É hora de a equipe pesquisar respostas seja no livro didático, seja na internet. O processo, porém, não acaba aí porque as respostas precisam ser validadas por experimentos ou pela construção de protótipos que evidenciem, na prática, o que se descobriu nas fontes de referência.

Exemplo desse processo teórico-prático foi o trabalho que a turma do 6º ano realizou com o olho humano: depois de estudar um pouco de teoria, eles construíram uma câmara escura (câmara fotográfica artesanal) para perceber como acontece a entrada, a reflexão e o processamento da luz no sistema visual humano. O conjunto perguntas-experimentos-respostas se repete algumas vezes ao longo do trimestre. “O que sempre me questiono, antes de planejar as aulas, é que competência quero desenvolver nos alunos”, explica Vítor. Após a etapa de experimentação, as respostas das perguntas iniciais são formalizadas na lousa pelo professor e verificadas pelos alunos no caderno. Caderno que, aliás, também segue uma lógica diferente daquela que rege os de outras disciplinas: além do espaço para registro das aulas, há também uma parte destinada a indagações, não necessariamente ligadas ao assunto da aula. Como o caderno é um instrumento formal de avaliação no Stockler, Vítor recolhe, vista e dialoga com cada aluno também por meio dessas dúvidas ao sugerir *links*, vídeos e textos que podem complementar os estudos. Garante, ainda, a participação dos mais tímidos. Na trajetória letiva, Vítor observa que, aos poucos, os alunos vão ganhando autonomia: “As provas já não têm mais aquelas respostas padronizadas. Por meio do registro, a gente percebe que cada aluno construiu o conhecimento da sua forma e isso é muito mais significativo do que decorar as respostas para esquecer na semana seguinte”.

No final do trimestre, acontece um dos momentos mais esperados: a Ágora. Inspirados pelos modelos de debate da Grécia Antiga, os alunos conversam sobre os aspectos positivos e negativos daquele ciclo além de propor soluções para os problemas enfrentados. Finalmente, são formadas novas equipes de trabalho para que a aprendizagem de um novo assunto e o desenvolvimento de novas competências tenham continuidade.

UM NOVO CINE DEBATE

No Ensino Médio, as discussões e o protagonismo também se tornaram mais relevantes em 2019. Isso aconteceu com a reformulação do Cine Debate, um dos projetos mais tradicionais da escola, que ganhou cara nova por meio de dinâmicas dirigidas que contemplaram uma participação maior dos alunos para que eles pudessem aprimorar competências como cooperação, argumentação e comunicação.

Em março, o filme escolhido para motivar as atividades foi *A onda* (*The Wave*, 2008, Dennis Gansel). Na narrativa, um professor de Ensino Médio mostra aos alunos, na prática, que é possível criar, já no século XXI, um regime autocrático. O experimento, entretanto, sai do controle e tem consequências trágicas para o docente e para a escola. Após a exibição, questões como papel do professor, manipulação de ideologias e autoritarismo serviram de pano de fundo para um júri simulado organizado nos espaços da escola. Os alunos de 1ª e de 2ª série se dividiram em dois grupos e tiveram que trabalhar em equipe para julgar as atitudes do professor e de um dos alunos da ficção que mais se envolveu no experimento. Nos tribunais montados no auditório e no pátio, os estudantes desempenharam o papel de juízes, de advogados, de testemunhas e de jornalistas e tiveram que trabalhar juntos para elaborar estratégias e vencer o debate.

No segundo semestre, o Stockler fechou uma parceria com a Escola Superior de Propaganda e Marketing para usar a infraestrutura do prédio da rua Doutor Álvaro Alvim e assistir ao filme *Brexit* (*The uncivil war*, Toby Haynes, 2019). A obra discute como estratégias de *marketing* baseadas no conhecimento do público inglês e no uso de algoritmos e *big data* contribuíram para virar o jogo no plebiscito que, em 2016, determinou a saída do Reino Unido da União Europeia. As turmas, agora de 2ª e de 3ª série do Ensino Médio, foram novamente divididas em grupos mistos para preparar um debate relativo a uma polêmica brasileira: a flexibilização do porte e da posse de armas no país. Um dos grupos sustentou oralmente a flexibilização, enquanto outro a atacou. Além disso, as demais equipes receberam a tarefa de pesquisar assuntos correlatos à polêmica para motivar o debate, entre eles o *lobby* da indústria armamentista, os acidentes domésticos envolvendo crianças e a constitucionalidade da alteração do Estatuto do Desarmamento. No final da atividade, os professores mediadores usaram um apli-



No Cine Debate, os alunos do Ensino Médio participaram de simulações de um júri e de um referendo para discutir questões contemporâneas como a posse e o porte de armas

Fotos: Luisa Arnuda

cativo de celular para simular uma consulta pública em que os alunos responderam à seguinte questão: “O Brasil deve flexibilizar o porte e a posse de armas?”.

“É meu primeiro ano como aluna da escola e pensei que o Cine Debate seria muito chato, que a gente iria só assistir a um filme, em pleno sábado de manhã. Mas foi uma atividade que engajou todos os alunos, tivemos que superar nossa capacidade de convencimento, de argumentação e de contra-argumentação”, diz Paula Gambaroni. Já para a professora Paula Fazzio, que leciona redação e jornalismo, a atividade conecta os alunos aos problemas de modo mais realista: “Notei as turmas verdadeiramente empenhadas no debate e isso, no futuro, resultará em cidadãos mais conscientes de seu papel nas discussões políticas. Não se trata de ser passivo diante das notícias e das polêmicas, mas de aprender a desenvolver uma opinião fundamentada sobre eles”, afirma.

Além dos novos pressupostos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular, o Cine Debate responde às transformações de processos seletivos como os da Fundação Getúlio Vargas, do Insper e da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, que contemplam debates, dinâmicas de grupo e entrevistas em seu vestibular. “O tema de redação da prova da FGV Direito deste ano foi a liberação das armas. Quando vi, me senti tranquila e preparada porque nós tínhamos debatido muito o assunto na atividade e depois escrito uma redação na escola em que eu pude transformar meus argumentos e meu repertório cultural em texto. O debate faz com que a gente compreenda mesmo o conteúdo”, conta Isabella Barros, aluna da 3ª série do Médio.

A Base Nacional Comum Curricular, a mudança nos processos seletivos, as transformações sociais oriundas da ascensão rápida das tecnologias afetaram os discursos das escolas, que se viram na obrigação de discutir o protagonismo e, por vezes, de adotar sem planejamento todas as novidades do mercado de educação. “Não acreditamos em modismos. Acreditamos em propostas que potencializam as habilidades do aluno e contribuem para a construção do seu projeto de vida - como propõe a BNCC - sem deixar de lado a teoria e o rigor das avaliações, em suas diferentes modalidades e em diálogo com o currículo fundamental para formar sujeitos críticos”, pontua a diretora executiva Mariana Stockler.



Plantar, colher, aprender

No coração do Brooklin, um dos canteiros do Colégio Stockler produz frutos, flores e saberes para o Ensino Fundamental

Um dos projetos centrais do 6º ano é a horta. Desde 2018, ela ocupa um espaço ao lado da quadra poliesportiva do colégio e permite o aprendizado para além da sala de aula. Em 2019, o percurso dos alunos começou com uma visita à horta urbana do Centro Cultural São Paulo, em que a turma pôde investigar técnicas de plantio e discutir a importância de cultivar alimentos sem agrotóxicos e espaços verdes em metrópoles como São Paulo.

De volta ao Stockler, mãos à terra! Os alunos foram divididos em duplas ou trios e cada time ficou responsável por um canteiro com sementes e mudinhas. Tiveram que estudar técnicas de plantio e de adubação natural além de acompanhar o crescimento das plantas. Ao mesmo tempo, estudaram as características e nutrientes das espécies cultivadas e foram apresentados a PANCs, plantas alimentícias não convencionais. “Em cada trimestre, nós plantamos e colhemos. No primeiro, plantamos cenoura e alface. Depois, foi a vez de tomate, *radicchio*, cebolinha, coentro, mandioca, milho”, conta o aluno Luigi Sdei, que teve que lidar com imprevistos, como as plantas invasoras que atrapalharam seu canteiro. Já para a aluna Maria Vitória Ribeiro de Lima ficou marcado um momento engraçado: em plena cidade de São Paulo, a horta atraiu saguis que comeram as alfaces e os morangos do terreno. Apesar dos contratemplos, a horta rendeu belas colheitas e os produtos foram doados à escola ou consumidos na casa dos alunos.

UMA ESCOLA QUE OLHA para fora

MEIO AMBIENTE, QUESTÕES DE GÊNERO E ACESSO À EDUCAÇÃO DE QUALIDADE MOTIVARAM DEBATES E AÇÕES NO COLÉGIO EM 2019 - MUITOS DELES PROPOSTOS PELOS ALUNOS

Na tarde em que o céu de São Paulo ficou escuro, às 15h de uma segunda-feira do mês de agosto, o alerta do 8º ano se acendeu. Eles se sentiram tão curiosos e, ao mesmo tempo, tão incomodados com a questão que pediram uma conversa com os mantenedores da escola para discutir que ações poderiam ser tomadas diante do problema. O que se seguiu foram rodas de conversa com diferentes profissionais e sugestões sobre como usar a comunicação para divulgar informações efetivas sobre o que estava acontecendo na Amazônia.

“A turma conseguiu conectar aquele céu escuro a discussões que já vinham fazendo ao longo de todo o primeiro semestre sobre a situação dos povos indígenas no Brasil”, afirma Regina Tarifa, coordenadora de projetos do Ensino Fundamental. O tema Matizes Indígenas foi escolhido como o foco do trabalho com o período em razão da Unesco - órgão das Nações Unidas para a Educação, que indicou o tema para ações pedagógicas nas escolas em 2019. Como parte das ações do projeto, os alunos participaram de uma série de saídas culturais no primeiro semestre. Visitaram a exposição retrospectiva de Cláudia Andujar sobre os Yanomami, no Instituto Moreira Salles. Depois, foram à Toca da Raposa, espaço educativo em Juquitiba, São Paulo, para fazer um intercâmbio cultural com os índios do Xingu. Lá, vivenciaram um pouco da dança, do canto, das brincadeiras, das pinturas e das comidas da etnia Kuikuro.

Ao longo do semestre, na sala de aula, atividades em diferentes disciplinas fizeram a costura do projeto. Em Redação, os alunos estudaram os contos indígenas registrados pelo autor Daniel Munduruku e depois escreveram seus próprios textos. Nas aulas de artes, usaram trechos dos contos para estudar representações e símbolos. “Eles escolheram uma palavra que representava o conto e depois transformaram-na em um grafismo que foi bordado em ponto cruz. Por meio dessa atividade, nós discutimos o que é arte, quem são os artistas e, ainda, a questão da apropriação cultural”, conta a professora Marina Herling.

Para a professora Cristina Charnis, de Geografia, o protagonismo dos alunos no projeto não foi uma surpresa, já que se trata de uma turma bastante ativa, mas, ainda assim, ela considera reconfortante perceber o ativismo desses meninos e meninas: “Quando o dia virou noite, foi como se esse grupo tivesse recebido um chamado: a Amazônia está nos chamando”. No segundo semestre, duas rodas de conversa realizadas na escola somaram-se aos trabalhos do primeiro. A turma recebeu Rosana Britva, voluntária na Associação Expedicionários da Saúde, que oferece apoio médico e odontológico a comunidades indígenas na Amazônia. “Com a Rosana, a gente pôde conhecer uma pessoa que não fica parada diante do problema, ela age sobre a questão”, enfatiza Cristina. Em um segundo encontro, o Stockler abriu suas por-



Comparar o lixo produzido e reciclado na escola com os dados de São Paulo foi uma das atividades do projeto

AGENTES DA RECICLAGEM

tas para Ana Patté, indígena de Santa Catarina e ativista, representante do povo Xokleng. Ana é graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal de Santa Catarina e atualmente cursa Direito na mesma instituição. “Na conversa com a Ana, nós quebramos estereótipos. A gente, às vezes, pensa que o indígena anda fantasiado, não temos ideia da diversidade e de como cada povo vive”, diz Anna Carolina Azevedo Ribeiro de Lacerda, do 8º ano. Ela completa: “Nós não podemos ficar parados. Por mais que a gente represente pouco, queremos pressionar o governo, fazer manifestações, questionar o que está acontecendo. Pouco é melhor que nada”.

Enquanto o 8º ano expandiu sua visão para questões nacionais e globais, a professora Beatriz Torrano, de Biologia, conduziu um trabalho de autocritica da comunidade escolar em parceria com as turmas de 6º e 7º ano. A oficina aconteceu ao longo do segundo semestre, às terças-feiras, no período da tarde. O primeiro passo foi uma conversa sobre o conceito de lixo, em que momento ele é produzido, se fazíamos alguma atividade que não gerava lixo ou não usava recursos do meio ambiente. Depois, Beatriz exibiu algumas propagandas que mostravam como desde a infância há um incentivo ao consumo exacerbado. No segundo encontro, meninos e meninas vestiram luvas e, munidos de grandes sacos, recolheram os resíduos acumulados por 24 horas em todas as lixeiras da escola. “Eles tiveram que vencer diversas barreiras, como o nojo e a vergonha, mas foram muito valentes”, afirma Beatriz. Seis sacos grandes foram recolhidos e depois o conteúdo deles foi organizado em categorias: plástico, papel, vidro, metal e orgânico. Daí a constatação de que as lixeiras para separação do lixo reciclado não estavam sendo bem usadas no Stockler.

Após a etapa de diagnóstico, o grupo começou a pensar em como atuar sobre o problema: Como ajudar as pessoas a compreender como se separa o lixo? É possível colocar várias lixeiras dentro da sala de aula

e não apenas no pátio? Que tal uma campanha para fazer a comunidade escolar pensar nos desafios de separação e reciclagem dos resíduos? Os próprios estudantes organizaram um grupo de WhatsApp para compartilhar vídeos e outras referências. A fim de sustentar essa discussão, realizaram também pesquisas sobre as melhores formas de descartar cada tipo de material.

Finalmente, a professora Beatriz Torrano escolheu algumas campanhas já realizadas sobre o assunto e os alunos selecionaram aquelas que mais interessaram aos objetivos do projeto no Stockler. Mais tarde, desenharam o layout de um painel que foi espalhado pelas paredes da escola, sempre perto das lixeiras: ilustrações e textos foram feitos pelos meninos e meninas. Também foram incluídos dois recipientes em todas as salas, um para material reciclável e outro para lixo orgânico. Além disso, uma lixeira amarela foi posta no pátio e concentrará as latas de alumínio. A hipótese dos alunos é de que a facilitação estimulará as pessoas a prestarem mais atenção na classificação dos resíduos. O projeto foi finalizado, por ora, com uma apresentação dos participantes para todas as salas, explicando as mudanças e se colocando à disposição para esclarecer dúvidas.



Fotos: Carolina Gonzalez

O FUTURO É SOCIAL

Já no Ensino Médio, uma disciplina eletiva oferecida em parceria com a Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM estimulou as turmas a pensar em como unir modelos de negócio à sustentabilidade. Ao longo de seis encontros, o professor convidado Marcus Nakagawa (leia entrevista na página 28) conduziu aulas sobre empreendedorismo social para todas as séries do segmento. De saída, eles foram divididos em grupos e apresentados a algumas dinâmicas do mundo corporativo. Para Otto Willems, da 2ª série, a eletiva proporcionou um choque de realidade: “Não sabia como funcionava a área de sustentabilidade das empresas e agora presto muito mais atenção nisso antes de consumir, no que uma empresa

está fazendo para gerar impacto positivo no mundo”.

Nos seis encontros, também tiveram que escolher um problema e propor soluções para resolvê-lo. Entre os problemas mapeados estavam assédio sexual no transporte público, falta de saneamento básico e dependência química entre adolescentes. Na última aula, o grupo foi até a Escola Superior de Propaganda e Marketing participar da simulação de um *pitch* de negócios. Tiveram que apresentar sua ideia e convencer uma banca de que seus projetos eram importantes e realizáveis. “Foi uma pressão diferente. A gente antecipou o que será o nosso próximo passo, a gente teve um gostinho de como vai ser a faculdade”, sintetiza Otto.



Foto: Juliana Macedo

Qual é a sua utopia?

Exposição do Ensino Médio sintetiza reflexões sobre o futuro do planeta

O contraste foi a tônica do trabalho de campo dos alunos da 1ª série do Ensino Médio em junho deste ano. Eles foram à Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, RJ, e ao Parque Nacional do Itatiaia, RJ. Passaram, portanto, de um cenário de extremo desenvolvimento tecnológico e de industrialização para outro de cuidado com a natureza. Antes da viagem, a turma discutiu os conceitos de utopia e distopia com Regina Tarifa, professora de inglês, e com o docente Vicente Castro, da cadeira de Leitura Crítica. Apreciaram clássicos da literatura relativos ao tema, como *1984*, *O conto da aia* e *Laranja mecânica*, assistiram ao filme *O Senhor das Moscas* e, depois do mergulho nas referências, apresentaram um sarau em torno do tema.

Na volta a São Paulo, eles foram convidados a refletir sobre a seguinte questão: Que mundo nós queremos? A resposta, porém, não veio em forma de texto, mas de expressão visual por meio da confecção de placas que, reunidas, formam uma exposição na entrada do Colégio.

AÇÕES INSTITUCIONAIS

O valor da maturidade

Visitas à Casa Ondina Lobo promovem encontro entre gerações

No primeiro e no segundo semestre, as turmas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio do Colégio foram ao lar de idosos localizado em Santo Amaro, na zona sul de São Paulo. Além de levar doações arrecadadas nos eventos da escola, os alunos puderam conversar com os moradores, assistir à televisão, jogar baralho e assistir a pequenos grandes shows, como o de um senhor que gosta de tocar gaita para os visitantes. Nas atividades, mais do que diversão, os jovens valorizaram os relatos e a experiência dos mais velhos.



Dominó, papo e afeto: Alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio participam de ação social em lar para idosos





Foto: Divulgação

Como surge o conceito de empreendedorismo social? Quando ganha esse nome e as empresas passam a se preocupar em gerar um impacto positivo na sociedade?

O empreendedorismo social surge com o conceito de Bill Drayton, fundador da organização mundial Ashoka, fundada em 1980 para potencializar transformações sociais. Segundo Drayton: “o empreendedor social aponta tendências e traz soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais, seja por enxergar um problema que ainda não é reconhecido pela sociedade ou por vê-lo por meio de uma perspectiva diferente”. Geralmente, esse empreendedor não fica esperando o governo ou organizações não governamentais resolverem o problema, ele vai lá e faz. Ao mesmo tempo, ele não perde de vista o lucro. Assim, algumas ONGs acabaram desenvolvendo processos de vendas de produtos ou serviços para pagar suas contas. Com isso, começaram a surgir empresas que ao mesmo tempo que resolvem um problema do mundo, causam impacto social ou ambiental positivo, produzem riqueza e ganham dinheiro.

Esse conceito mudou ao longo do tempo? Como podemos definir o empreendedorismo social hoje?

Acredito que a maioria das empresas, no começo da Revolução Industrial, foram criadas para causar um impacto social positivo, pois atendiam a uma demanda específica da sociedade. Porém, com o passar do tempo, elas começaram a desenvolver produtos e serviços muitas vezes não tão essenciais e deixaram de lado um público que não tinha nem o básico, como vemos hoje. O empreendedorismo social nasce e continua com o seguinte objetivo: empreender um projeto, uma ação, uma empresa, uma ONG ou um movimento para melhorar problemas da sociedade, como fome, moradia, saúde, entre outros. Para entender como deveria ser ou quais são os desafios do mundo, temos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), uma agenda universal da Organização das Nações Unidas, que somam 17 objetivos e 169 metas para que o planeta progrida. Nesse contexto, notamos que temos muitas demandas para criarmos produtos e serviços de impacto positivo.

Empreender para o bem

MARCUS NAKAGAWA é professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing, instituição em que também se graduou em Publicidade. No currículo, acumula experiências nas áreas de responsabilidade social e sustentabilidade de empresas como Nestlé e Philips. Também fundou organizações não governamentais e associações para incentivar o empreendedorismo social - tema de uma disciplina eletiva que ministrou aos alunos do Ensino Médio do Stockler no segundo semestre. Nesta entrevista, ele fala sobre a importância da inserção do tema nas escolas de educação básica

Entrevista a Ana Paula Severiano

Você acredita que a geração de jovens está mais preocupada com o engajamento em causas sociais?

Sim, acredito, pois a informação e as atrocidades do mundo chegam mais rápido e mais facilmente a eles, em razão do avanço das tecnologias de comunicação. Existem pesquisas como uma da consultoria Nielsen, de 2015, que aponta que 75% da geração Z pagaria mais por produtos e serviços mais sustentáveis.

Qual é a relevância de oferecer uma disciplina como essa nas escolas de Ensino Médio? Por que é importante que o jovem tenha contato com o empreendedorismo social?

É fundamental que este conceito de empreendedorismo e também de empreendedorismo social e ambiental seja colocado já no início da escolarização, pois as matérias tradicionais, que fazem parte do currículo comum, mostram e problematizam as desigualdades sociais, o desmatamento, a poluição ou até mesmo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU. Ainda assim, muitas vezes as pessoas encontram obstáculos para pensar em soluções para esses problemas que não passem necessariamente pela via governamental. Por isso, é tão bacana trabalhar com conceitos como o empreendedorismo desde cedo, para que a percepção dos estudantes seja aguçada ao longo de sua vida a fim de incentivá-los na criação de soluções de problemas complexos e com impacto de longo prazo.

A eletiva contribui para que o aluno do Ensino Médio pense sobre a escolha da profissão e se aproxime do mercado de trabalho?

Sim, com certeza. Mesmo que o estudante escolha ser médico, engenheiro, publicitário, jornalista ou administrador, deve exercer o papel de cidadão e o sonho de um mundo mais equilibrado e sustentável é sempre possível. Precisamos que todas as profissões tenham empreendedores sociais.

Como é a metodologia para trabalhar o Empreendedorismo Social nas escolas? Em que ela se assemelha e em que se distancia do que acontece em uma disciplina de graduação?

Trabalhamos com conceitos, dinâmicas e produção de um negócio de impacto socioambiental. Ou seja, colocamos os alunos para pesquisar, ir atrás das informações, verificar o problema que precisa ser resolvido, criar uma solução e colocar isso em um modelo de negócio de impacto. Na disciplina de graduação, há mais detalhes metodológicos e aprofundamento no uso das ferramentas.

No Stockler, foram seis encontros. Que programa foi seguido nesse percurso? Com que objetivo?

Adotamos a metodologia descrita acima para que, no final, os alunos entendessem que são capazes, por meio de um processo, de organizar suas ideias, fazer pesquisas, tomar decisões e focar em um modelo que se sustente financeiramente, sem perder o foco no impacto socioambiental.

Como foi o desfecho do processo na ESPM? Por que é interessante que os alunos apresentem oralmente suas ideias?

“*Mesmo que o estudante escolha ser médico, engenheiro, publicitário ou administrador, deve exercer o papel cidadão, e o sonho de um mundo mais equilibrado e sustentável é sempre possível. Precisamos que todas as profissões tenham empreendedores sociais.*”

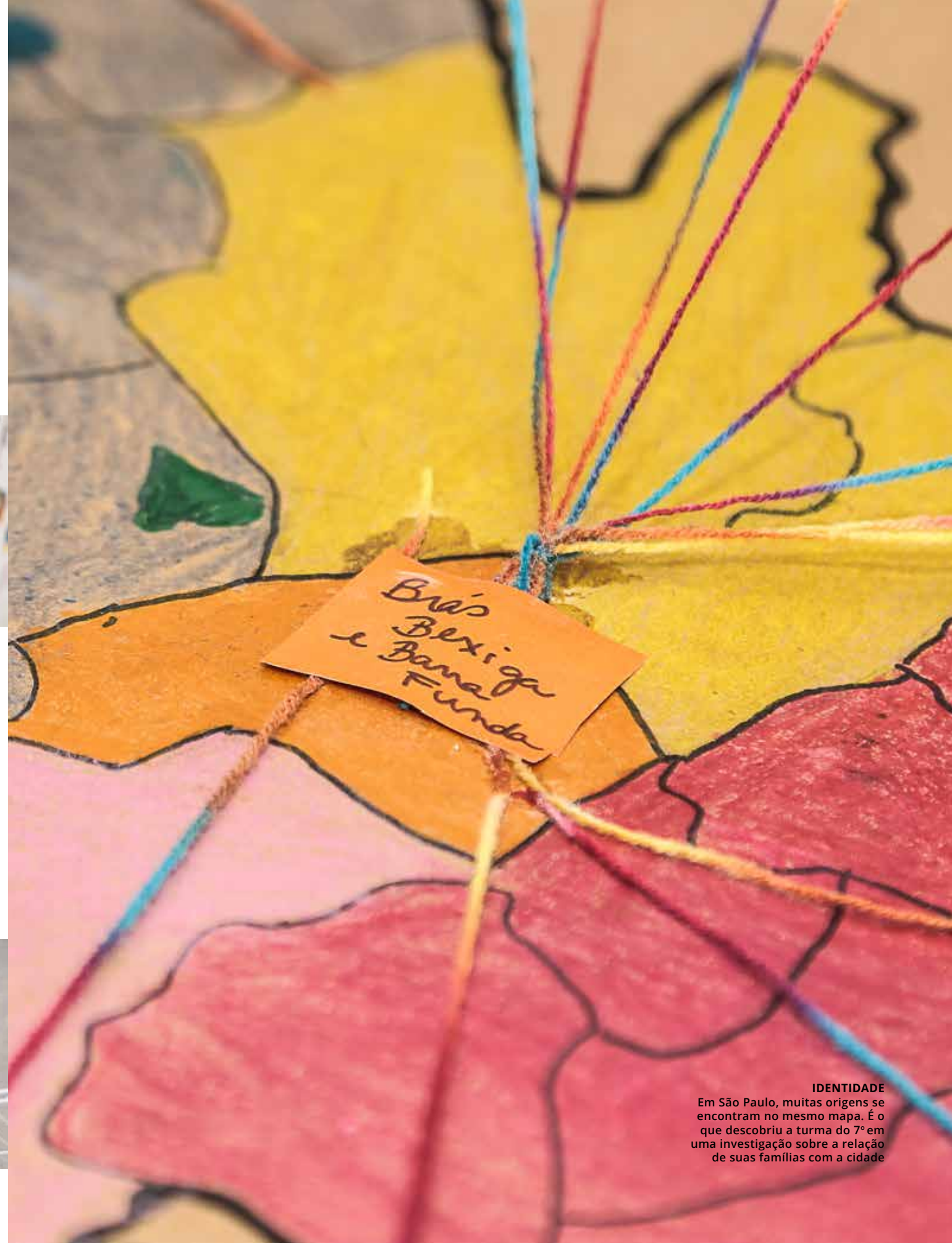
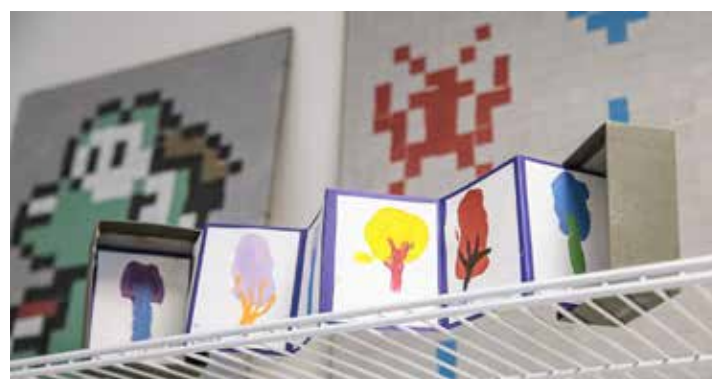
É fundamental a verbalização da ideia para que ela se torne mais tangível e para que os ouvintes possam sugerir melhorias. Mais do que isso, é fundamental “vender” o projeto com bons argumentos e dados por meio de um *storytelling* interessante. Foi realmente incrível verificar a desenvoltura de alguns grupos no *pitching* (apresentação verbal concisa de uma ideia) de negócios.

Que projetos os alunos do Stockler apresentaram? Algum deles chamou sua atenção pela relevância?

Apresentaram projetos relacionados a diversidade, gênero, saneamento e dependência química. Foi realmente muito interessante, pois os alunos escolherem tópicos que afetam suas vidas ou com os quais convivem no cotidiano. Isso tem muito a ver com a “dor”, como chamamos no empreendedorismo. Quem sofre esta dor pode ir atrás de “remédios” e soluções que sejam economicamente viáveis, socialmente inclusivas e ambientalmente corretas.



Professor Marcus na defesa dos projetos elaborados pelos alunos Stockler após formação em empreendedorismo social



NUMA FOLHA QUALQUER...

Ao longo do segundo semestre de 2019, os alunos do Ensino Fundamental se apropriaram das técnicas de pintura, como nanquim e aquarela, e de outras técnicas, como o carimbo, para desenvolver estéticas pessoais em oficinas extracurriculares que aconteceram no período da tarde. Com as turmas de 6º e 7º anos, o primeiro de seis encontros voltados para a aquarela foi sobre o reconhecimento dos materiais. Depois, eles entraram em contato com a obra de artistas como Carybé - que nasceu na Argentina no começo do século XX e se mudou para a Bahia nos anos 1950, onde retratou a religiosidade afro-brasileira e os costumes locais - e Fayga Ostrower, polonesa que se fixou no Brasil em 1934 e cuja obra dialoga com vanguardas europeias. "Conversamos sobre pinceladas, cores, manchas causadas pela água e temáticas desses artistas", explica Marina Herling, professora de Artes responsável pelas aulas. Depois do contato inicial com as técnicas, cada aluno fez uma pesquisa de referências e se debruçou sobre temas de seu interesse para produzir trabalhos autorais, aqui apresentados.

IDENTIDADE
Em São Paulo, muitas origens se encontram no mesmo mapa. É o que descobriu a turma do 7º em uma investigação sobre a relação de suas famílias com a cidade



ENSINO FUNDAMENTAL II

Turmas pequenas para
favorecer o engajamento

Adotamos metodologias
investigativas para incentivar
a criatividade

Priorizamos o desenvolvimento
de diversas linguagens, da
audiovisual à Matemática

ENSINO MÉDIO

Projetos interdisciplinares dão
vida a um currículo rigoroso

Por meio de aulas diferenciadas,
como Jornalismo e Leitura Crítica,
nossos alunos desenvolvem
habilidades socioemocionais

Oferecemos uma preparação
completa para os vestibulares



COMO É ESTUDAR NO STOCKLER?
NOSSOS EX-ALUNOS RESPONDEM



SAIBA MAIS SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL
ENSINOFUNDAMENTALSTOCKLER.COM.BR